

# CENTRUM SETE SÓIS SETE LUAS



## Éditions du Festival Sete Sóis Sete Luas

- 1) *El puerto de las Maravillas – Los navios antiguos de Pisa*, 2001. T: Stefano Bruni e Mario Iozzo. Ed.: PT, ES
- 2) *Maya Kokocinsky, Translusion II*, 2002. T: Pinto Teixeira. Introduction de Oliviero Toscani. Ed.: PT, ES.
- 3) Oliviero Toscani, *Hardware+Software=Burros*, 2002. Ed.: IT, PT.
- 4) *As personagens de José Saramago nas artes*, 2002. Introduction de José Saramago. Ed.: PT.
- 5) Stefano Tonelli, *Nelle pagine del tempo è dolce naufragare* (2002). Ed.: IT, PT.
- 6) Luca Alinari, *Côr que pensa*, 2003. Ed.: PT, ES.
- 7) Riccardo Benvenuti, *Fado, Rostos e Paisagens*, 2003. Ed.: IT, PT.
- 8) Antonio Possenti, *Homo Ludens*, 2003. T: John Russel Taylor et Massimo Bertozzi. Introduction de José Saramago. Ed.: IT, PT.
- 9) *Metropolismo – Communication painting*, 2004. T: Achille Bonito Oliva. Ed.: IT, PT.
- 10) Massimo Bertolini, *Através de portas intrasponíveis*, 2004. Ed.: IT, PT.
- 11) Juan Mar, *Viaje a ninguna parte*, 2004. Introduction de José Saramago. Ed.: IT, PT.
- 12) Paolo Grimaldi, *De-cuor-azioni*, 2005. T: de Luciana Buseghin. Ed.: IT, PT.
- 13) Roberto Barni, *Passos e Paisagens*, 2005. T: Luís Serpa. Ed.: IT, PT.
- 14) *Simposio SSSL: Bonilla, Chafer, Ghirelli, J.Grau, P.Grau, Morais, Pulidori, Riotto, Rufino, Steardo, Tonelli*, 2005. Ed.: ES, IT, PT.
- 15) Fabrizio Pizzanelli, *Mediterrânes Quotidianas Paisagens*, 2006. Ed.: IT, PT.
- 16) *La Vespa: un mito verso il futuro*, 2006. T: Tommaso Fanfani. Ed.: ES, VAL.
- 17) Gianni Amelio, *O cinema de Gianni Amelio: a atenção e a paixão*, 2006. T: Lorenzo Cuccu. Ed.: PT.
- 18) Dario Fo e Franca Rame, *Muñecos con rabia y sentimiento – La vida y el arte de Dario Fo y Franca Rame* (2007). Ed.: ES.
- 19) Giuliano Ghelli, *La fantasia rivelata*, 2008. T: Riccardo Ferrucci. Ed.: ES, PT.
- 20) Giampaolo Talani, *Ritorno a Finisterre*, 2009. T: Vittorio Sgarbi et Riccardo Ferrucci. Ed.: ES, PT.
- 21) *Cacau Brasil, SÓS*, 2009. Ed.: PT.
- 22) César Molina, *La Spirale dei Sensi, Cicli e Ricicli*, 2010. Ed.: IT, PT.
- 23) Dario Fo e Franca Rame, *Pupazzi con rabbia e sentimento. La vita e l'arte di Dario Fo e Franca Rame*, 2010. Ed.: IT.
- 24) Francesco Nesi, *Amami ancora!*, 2010. T: Riccardo Ferrucci. Ed.: PT, ES.
- 25) Giorgio Dal Canto, *Pinocchi*, 2010. T: Riccardo Ferrucci e Ilario Luperini. Ed.: PT.
- 26) Roberto Barni, *Passos e Paisagens*, 2010. T: Giovanni Biagioni e Luís Serpa. Ed.: PT.
- 27) *ZeZito - As Pequenas Memórias. Homenagem a José Saramago*, 2010. T: Riccardo Ferrucci. Ed.: PT.
- 28) Tchalê Figueira, *Universo da Ilha*, 2010. T: João Laurentino Neves et Roger P. Turine. Ed.: IT, PT.
- 29) Luis Morera, *Arte Natureza*, 2010. T: Silvia Orozco. Ed.: IT, PT.
- 30) Paolo Grigò, *Il Volo... Viaggiatore*, 2010. T: Pina Melai. Ed.: IT, PT.
- 31) Salvatore Ligios, *Mitologia Contemporanea*, 2011. T: Sonia Borsato. Ed.: IT, PT.
- 32) Raymond Attanasio, *Silence des Yeux*, 2011. T: Jean-Paul Gavard-Perret. Ed.: IT, PT.
- 33) Simon Benetton, *Ferro e Vetro - oltre l'orizzonte*, 2011. T: de Giorgio Bonomi. Ed.: IT, PT.
- 34) Noé Sendas, *Parallel*, 2011. T: Paulo Cunha e Silva & Noé Sendas. Ed.: IT, PT, ENG.
- 35) Abdelkrim Ouazzani, *Le Cercle de la Vie*, 2011. T: Gilbert Lascault. Ed.: IT, PT.
- 36) Eugenio Riotto, *Chant d'Automne*, 2011. T: Maurizio Vanni. Ed.: IT, PT.
- 37) Bento Oliveira, *Do Reinado da Lua*, 2011. T: Tchalê Figueira e João Branco. Ed.: IT, PT.
- 38) Vando Figueiredo, *AAAIdeota*, 2011. T: Ritelza Cabral, Carlos Macedo e Dimas Macedo. Ed.: IT, PT.
- 39) Diego Segura, *Pulsos*, 2011. T: Abdelhadi Guenoun e José Manuel Hita Ruiz. Ed.: IT, PT.
- 40) Ciro Palumbo, *Al di là della realtà del nostro tempo*, 2011. T: A. D'Atanasio e R. Ferrucci. Ed.: PT, FR.
- 41) Yael Balaban / Ashraf Fawakhry, *Signature*, 2011. T: Yeala Hazut. Ed.: PT, IT, FR.
- 42) Juan Mar, *"Caín", duelo en el paraíso*, 2012. T: José Saramago e Paco Cano. Ed.: PT, IT
- 43) Carlos Macêdo / Dornelles / Zediolavo, *Caleidoscópio*, 2012. T: Paulo Klein e C. Macêdo. Ed.: PT, IT.
- 44) Mohamed Bouzoubaâ, *"L'Homme" dans tous ses états*, 2012. T: Rachid Amahjou e A. M'Rabet. Ed.: PT, IT, FR.
- 45) Moss, *Retour aux Origines*, 2012. T: Christine Calligaro e Christophe Corp. Ed.: PT, IT.
- 46) José Maria Barreto, *Triunfo da Independência Nacional*, 2012. T: Daniel Spínola. Ed.: PT, IT.
- 47) Giuliano Ghelli, *La festa della pittura*, 2012. T: Riccardo Ferrucci. Ed.: PT, FR.
- 48) Francesco Cubeddu e Marco Pili, *Terre di Vernaccia*, 2012. T: Tonino Cau. Ed.: PT, FR.
- 49) Rui Macedo, *De Pictura*, 2012. T: Maria João Gamito. Ed.: IT, FR.
- 50) Angiolo Volpe, *Passaggi pedonali per l'infinito*, 2012. T: Riccardo Ferrucci. Ed.: PT, IT.
- 51) Djosa, *Críôlo*, 2012. T: Jesus Pães Loureiro e Sebastião Ramalho. Ed.: PT, IT, FR.
- 52) Marjorie Sonnenschein, *Trajatória*, 2013. T: Marcelo Savignano. Ed.: PT, IT.

**Marjorie Sonnenschein**

Trajectoria



**Festival Sete Sóis Sete Luas**

# Trajectoria



## ***“Trajetória”***

Marjorie Sonnenschein (Ceará, Brasil)

Ponte de Sor (Alentejo, Portugal), 23.02.2013 – 30.03.2013, Centrum Sete Sóis Sete Luas  
Pontedera (Toscana, Itália), data da definire

### **Promoted**

Ass. Cult. Sete Sóis Sete Luas  
Câmara Municipal de Ponte de Sor  
ONG Taperas das Artes  
Comune di Pontedera

### **Coordination**

Marco Abbondanza (Ass. Cult. Sete Sóis Sete Luas)  
Câmara Municipal de Ponte de Sor  
Pedro Gonçalves (Centro de Artes e Cultura de Ponte de Sor)  
Ritelza Cabral (ONG Taperas das Artes)

### **Production Coordination**

Maria Rolli (Ass. Cult. Sete Sóis Sete Luas)

### **Installation assistant**

João Paulo Pita (Centro de Artes e Cultura de Ponte de Sor)

### **Administration**

Sandra Cardeira (Ass. Cult. Sete Sóis Sete Luas)

### **Graphic Design**

Sérgio Mousinho (Ass. Cult. Sete Sóis Sete Luas)

### **Press Office**

Sara Valente (Ass. Cult. Sete Sóis Sete Luas)

### **Printed**

Bandecchi & Vivaldi, Pontedera

### **Acknowledgements**

Magnolia Kupferminz e Stefano Silveira Leggieri

### **Info**

[www.7sois.eu](http://www.7sois.eu)  
[info@7sois.org](mailto:info@7sois.org)

Recebemos Marjorie Sonnenschein em Ponte de Sor, na rede do Festival Sete Sóis Sete Luas com enorme carinho, sabendo que o enriquecimento das nossas comunidades neste projecto ímpar a nível europeu será profundamente importante e motivador.

Ponte de Sor sente-se feliz em receber no Centrum Sete Sóis Sete Luas / Centro de Artes e Cultura tão importante manifestação, fazendo votos que tal seja do agrado de todos, pois esta multiplicidade cultural permite augurar um futuro cada vez mais promissor.

***Dr. João José de Carvalho Taveira Pinto***

*Presidente da Câmara Municipal de Ponte de Sor*

Aos espectadores de Ponte de Sor, privilegiados com a oportunidade de um toque na arte sem fronteiras, nem rituais, de Marjorie.

Artista livre para criar, transformar, para se expressar, com a espontaneidade do seu ser mutante , tão especial...

***Ritelza Cabral***

*Curadora da exposição*

## CENTRUM SETE SÓIS SETE LUAS

### Centros para as Artes do Mediterrâneo e do mundo lusófono

#### Os Centrum Sete Sóis Sete Luas:

- são **portos em terra: espaços estáveis sem fronteiras**. Tal como portos são locais de passagem, de encontro e de diálogo intercultural, onde ecoam as ondas da cultura mediterrânica e do mundo lusófono. Tal como portos são abertos, sem fronteiras. Mas estão em terra. Estão ancorados às raízes do território que os viu nascer e os acolheu. São espaços de socialização, confronto e descoberta para a população local.
- são **oficinas artísticas** onde importantes personagens do mundo mediterrânico e lusófono chegam, encontram inspiração, criam, dialogam, partilham e partem rumo a novos portos.
- são **locais de sinergia** entre arte, música, turismo cultural e promoção do território.
- são projectos arquitectónicos de recuperação de edifícios antigos, abandonados.

Produção, exposição e residências artísticas, laboratórios de criatividade, encontros multiculturais, debates, video-conferências, apresentações, concertos e aperitivos: estas são as principais actividades que animam as “casas” do Festival Sete Sóis Sete Luas. A ampla programação artística, da responsabilidade da associação Sete Sóis Sete Luas, prevê anualmente *7 a 10 projectos de dimensão internacional* em cada Centrum SSSL, promovidos de forma coordenada nos portos internacionais SSSL (com a mesma imagem, o mesmo plano de comunicação e o mesmo dia de inauguração) e cujos protagonistas são diversos: os prestigiosos artistas, reconhecidos no seu país de origem, mas não ainda a nível internacional; os jovens talentos; os estudantes que participam nos laboratórios e nos programas de intercâmbio entre as cidades da Rede SSSL.

Anualmente 7.500 visitantes e mais de 35 prestigiosos artistas do Mediterrâneo passam pelas casas do Festival SSSL.

### **Elementos em comum são:**

- o nome: **Centrum Sete Sóis Sete Luas;**
- a imagem do Centrum SSSL: o mosaico de uma **onda** que se estende sinuosa pela parede externa com os nomes das cidades que fazem parte da Rede dos Centrum SSSL;
- a possibilidade de fazer ligações em directo, através da internet, com os diversos Centrum SSSL nos vários países;
- um espaço dedicado à colecção permanente, com a memória da actividade local e internacional do Festival SSSL;
- uma sala dedicada às exposições temporárias;
- um laboratório de criação onde os artistas podem realizar as suas obras durante as residências;
- uma art-library e um bookshop onde são apresentados ao público todas as produções culturais, artísticas, editoriais, gastronómicas do Festival Sete Sóis Sete Luas: cd's, dvd's, livros, catálogos e os produtos enogastronómicos e artesanais mais representativos dos Países da Rede SSSL;
- uma sala de conferências para encontros, apresentações, debates, concertos, inaugurações...
- quartos para os jovens estagiários da Rete SSSL e para os artistas;
- um jardim mediterrânico e/o atlântico;

Estão neste momento activos os Centrum SSSL de Pontedera (Itália), Ponte de Sor (Portugal) e Frontignan (França). O projecto prevê ainda a criação de outros Centrum SSSL no Brasil (em Aquiraz, no estado do Ceará), em Cabo Verde (na Ribeira Grande, ilha de Santo Antão), em Marrocos (Tanger), na Espanha (em Tavernes de la Vallidigna, na região de Valencia).

**Marco Abbondanza**

*Director do Festival Sete Sóis Sete Luas*

# Trajectoria

Aqui, são apresentadas quatro séries de fotografias numa trajetória de trabalho não necessariamente linear, mas que dialogam entre si na construção de seus processos criativos sobre as novas descobertas e os novos prazeres estéticos da artista, dentro de um período aproximado de oito anos, 2004 a 2012.

Curioso é notar como esta artista da velha guarda da fotografia, pode-se dizer assim, uma vez que a sua passagem do mundo analógico para o digital não ocorreu com facilidade, mas com marcada resistência, transita agora confortavelmente e com ousadia pelas ferramentas da foto digital, especialmente no que diz respeito à cor.

As séries “Solidão”; “Realidade Universo”; “Homenagem a Ianelli” e “Blow Up” parecem querer se atualizar enquanto fotografia num olhar declaradamente pictórico: ainda que seguindo rigorosamente a composição ortogonal das linhas, mas especialmente no trabalho meticuloso da artista, com o uso de programas digitais, que vai definindo as nuances da luminosidade e outras particularidades dos campos de cor nas fotos criadas.

É evidente que a questão que perturbou tantos críticos em fins do século XIX e até meados do século XX, que supostamente a fotografia não era arte, já está há tempos superada. Mas outra questão que frequentemente aparece na arte contemporânea é a do controle do artista sobre a sua própria obra (nos sentidos formal e conceitual), principalmente quando se trata da fotografia, que sempre, de algum modo, “foge” ao controle por ser um registro mecânico e não manual. Em seu trabalho, no entanto, Marjorie Sonnenschein naturalmente parece resolver esta questão quando propõe cores e formas novas, arduamente trabalhadas, do real fotografado.

“Se eu mudo a tonalidade do céu mexendo na temperatura, com a tal da ferramenta que encontrei, eu mexo na temperatura de uma forma mágica. E isso é tão mágico quanto mexer nas cores das tintas em cima das paletas. Então eu me sinto como se estivesse pintando: misturando, botando um pouco mais de branco, um pouco mais de preto, cinza menos denso ou mais pesado. Um pouco



mais de amarelo. Eu descobri que tem uma ferramenta que me obedece e que eu chamo de “pincel digital”, diz a artista em entrevista para Ricardo Perucchi.

Em meados de 2007 viajou para Israel. Na volta para São Paulo, dentro do avião, a artista se depara com uma reportagem sobre a vida e a obra do pintor expressionista abstrato Mark Rothko, quem ela desconhecia até então. Ficou com aquele personagem na cabeça. Identificando-se não somente, na história de seus antepassados, com a história de vida do russo judeu que imigrou para os Estados Unidos, mas também com as opções estéticas tão marcadas em sua pintura, principalmente os trabalhos de 1949 em diante, as famosas pinturas de campos de cor.

A partir daí, Marjorie, sem nenhum medo, começa a direcionar com mais ênfase o seu olhar fotográfico, junto aos seus “pincéis digitais”, para soluções formais mais abstratas (apesar de trabalhar com a captação de coisas, ou imagens, que existem no mundo real), com definições geométricas mais evidentes (quase sempre retangulares) e radicalizando no uso das cores, sejam elas na paisagem ou no retrato, assim como fizeram os modernistas ao rejeitarem parcialmente ou totalmente a cor local dos objetos em suas telas.

Nesta altura, as séries “Realidade Universo” e “Solidão”(2004 / 2012) já existiam e a artista só deu continuidade às ideias, no que diz respeito ao tratamento formal do trabalho, que mesmo antes de ter lido sobre Rothko já brotavam em sua criação.

Em “Realidade Universo”, Marjorie faz um recorte da paisagem da janela de sua cozinha, que é um muro e o céu. Depois, vai compondo e harmonizando estes dois elementos em diferentes enquadramentos, tratando a cor em tons rebaixados, iluminando como se quisesse pintar em degradê e criando uma relação de tempo e movimento na imagem.

“Homenagem a lanelli”(2007 / 2008) retrata os céus de São Paulo a partir da vista da sala de seu apartamento, que também é o seu estúdio, no bairro da Bela Vista, de onde se vê as linhas do pico do Jaraguá. Arcangelo lanelli foi um artista brasileiro importante, que integrou o grupo Guanabara nos anos de 1950, representante da pintura paulista e que se tornou um expoente representante do abstracionismo formal no Brasil, desenvolvendo uma linguagem que se estruturava por linhas que definiam os campos de cores em sua pintura.

“Ele captava as cores de um espaço real e as reproduzia nas telas”, diz Marjorie, que nesta série parece querer desconstrair de vez os seus “pincéis”, criando céus vermelhos, arroxeados e azuis. Traçando linhas e assim também definindo os seus campos de cor.

Dos mesmos céus de lanelli e da mesma vista de sua sala a artista dialoga com a vizinhança interminável de prédios. Assim o faz se utilizando de todas as possíveis luzes de uma jornada e de uma São Paulo que nunca se apaga totalmente. E que parece sempre estar só. Na série “Solidão” as paisagens se mesclam ora em definições mais críveis, as quais o olho está acostumado a ver, ora em borrões arquitetônicos bruscamente cortados, aproximados da lente como se a artista assim quisesse aproximar o seu EU solitário do apartamento ao EU solitário de toda a vista exterior que alcança da cidade lhe cerca.

“Das linhas que eu vejo da minha janela, sejam do céu, dos prédios ou do pico do Jaraguá, eu invento mais um pretexto para desenhar através da foto. E desta janela não vejo ninguém. Vejo um mundo esvaziado, encerrado em apartamentos. Sempre escuto algum grito distante de uma criança. Ou um latido.”

No tratamento de suas fotografias, numa aproximação pertinente ao olhar de um fotógrafo, surgem os pixels. Um esquadrihar das coisas numa potência mais avançada ao o que o olho humano consegue ver naturalmente. A artista já tomada pelo encanto das formas e das cores do lirismo abstrato que já se insinuava ou definitivamente aparecia nas imagens das séries anteriores, resolve maximizá-los (os pixels) e, de repente, se vê mergulhada no mundo da abstração geométrica com infinitas possibilidades de combinações de cores, cortes e composições.

Não obstante, essa abstração é resultado de um trabalho digital sobre imagens captadas do mundo real. Seja a lua, um portrait, uma estrela ou uma multidão em dia de jogo no estádio do Pacaembu.

A essas belas composições geométricas (quadradas), que nos remete tanto e imediatamente aos experimentos e afirmações da arte concreta brasileira, e mesmo aos fabulosos trabalhos da pintura hard edge norte-americana, numa fase mais avançada do expressionismo abstrato, em meados dos anos 50 (impossível não citar Ellsworth Kelly e seus famosos ‘Spectrum colors arranged by chance’), Marjorie denominou a série de “Blow Up”.

Sentindo-se como se estivesse num jeu (é assim que gosta de dizer: em francês), a manipulação na temperatura das cores e na combinação desses pixels poderia se tornar trabalho para a vida toda. “Fico imaginando aquela brincadeira de um relógio que a gente desmonta e monta infinitamente...”, diz a artista.

De modo que “Blow Up” não são simples quadrados coloridos e estáticos dados num espaço. Aliás, como em todas as séries, o espaço, as coisas e a própria realidade são meros detalhes. O que importa aqui não é exatamente o que se vê, mas como se vê e o que se sente através dessa experiência. Para isso, as opções sempre assertivas da artista de onde situar as linhas e as cores no espaço do papel.

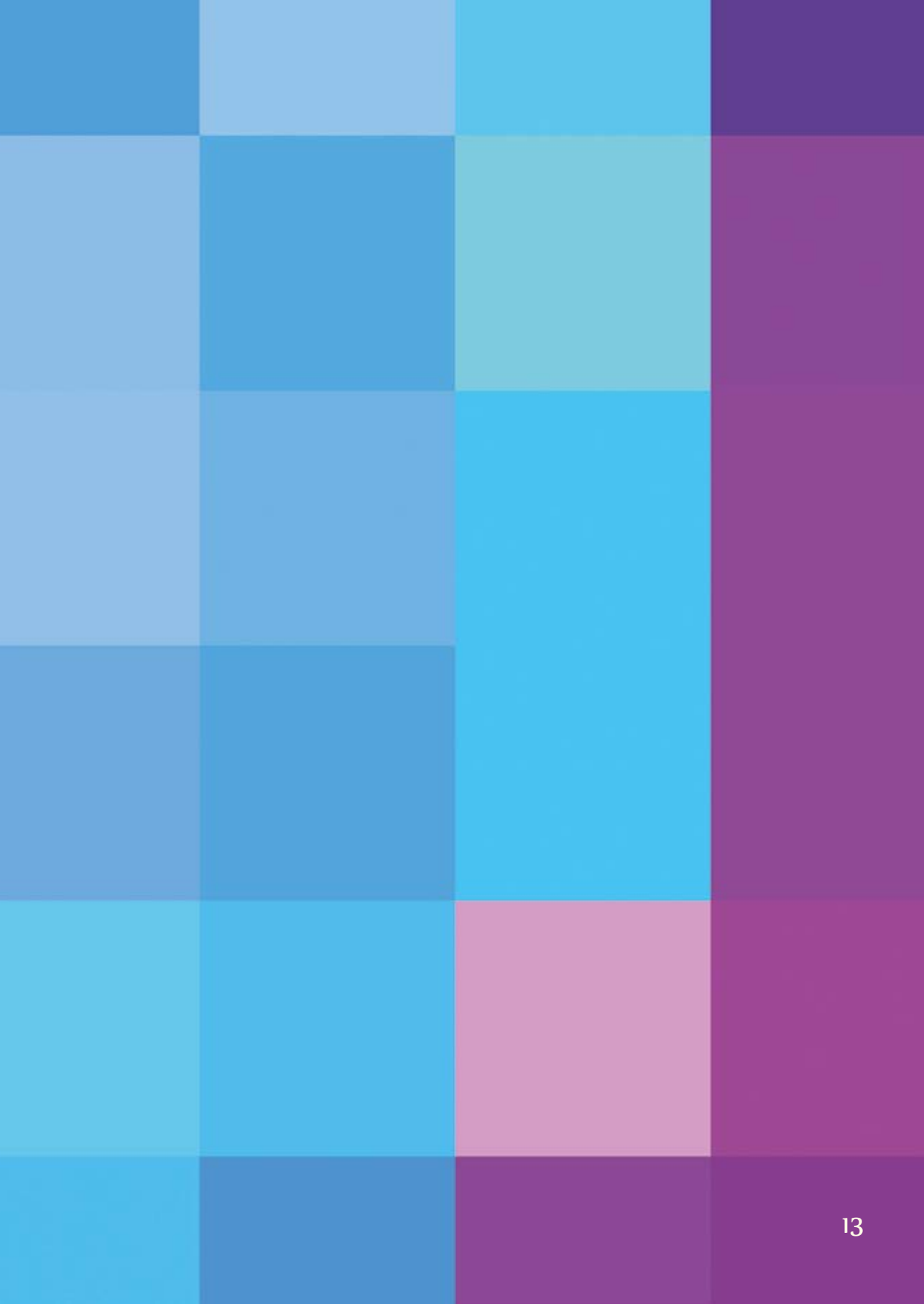
Estas séries reunidas em brevíssimo recorte de vinte seis imagens configuram o trabalho contemporâneo da artista, nos diversos sentidos que esta palavra “contemporâneo” pode atingir. Mais conhecida como grande retratista, há tempos que Marjorie ansiava por mostrar essa gama de fotos que mais se aproximam da pintura. Afirma: “há 40 anos estou no meu processo criativo, buscando o meu foco”.

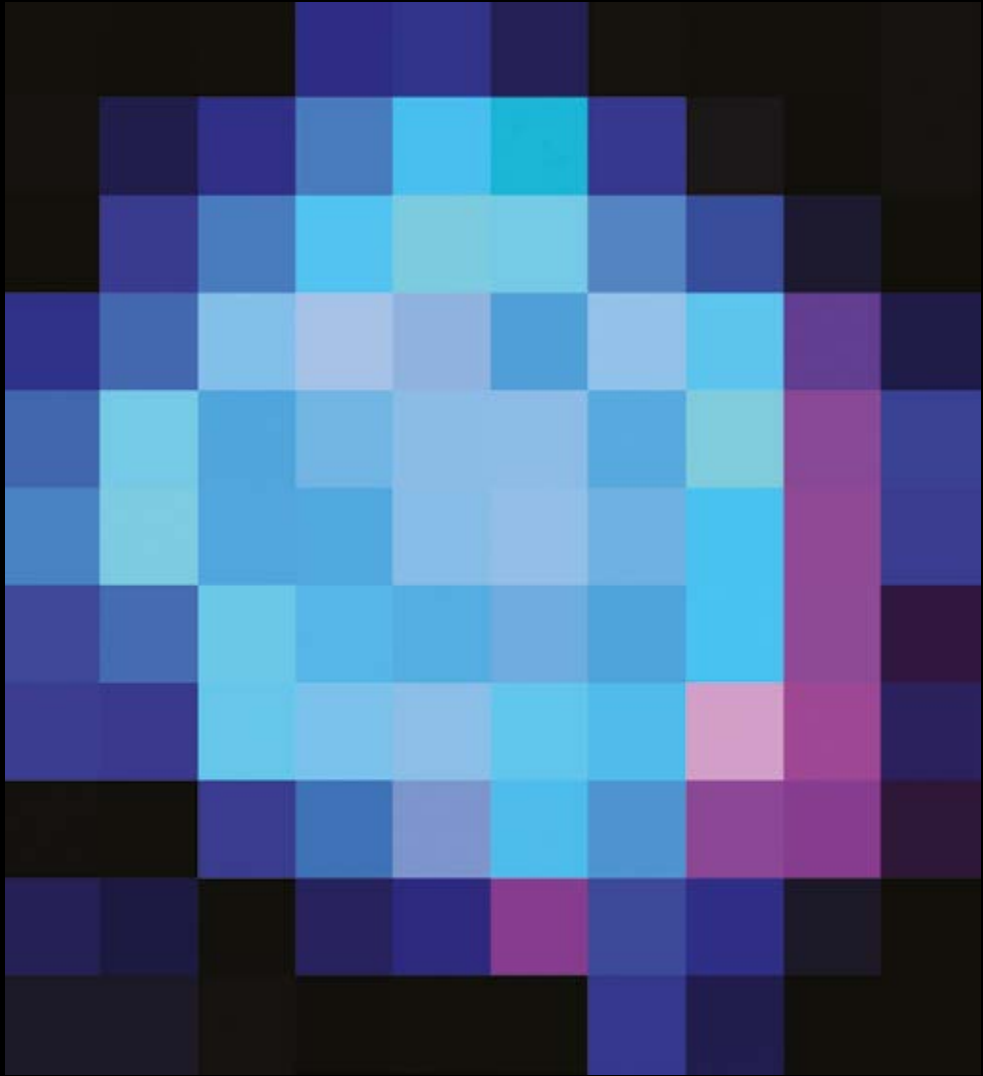
Para ela, não somente nestas séries, mas em toda a sua obra, o equilíbrio da espacialidade pela linha e pela cor (na fotografia em p&b, os tons de cinza) sempre foram partes essenciais na sua fotografia para criar uma atmosfera simbólica e não somente documental do que vê de verdade. Como que mediando o olhar do real para um mundo virtual supostamente mais belo e portanto, por que não?, mais real.

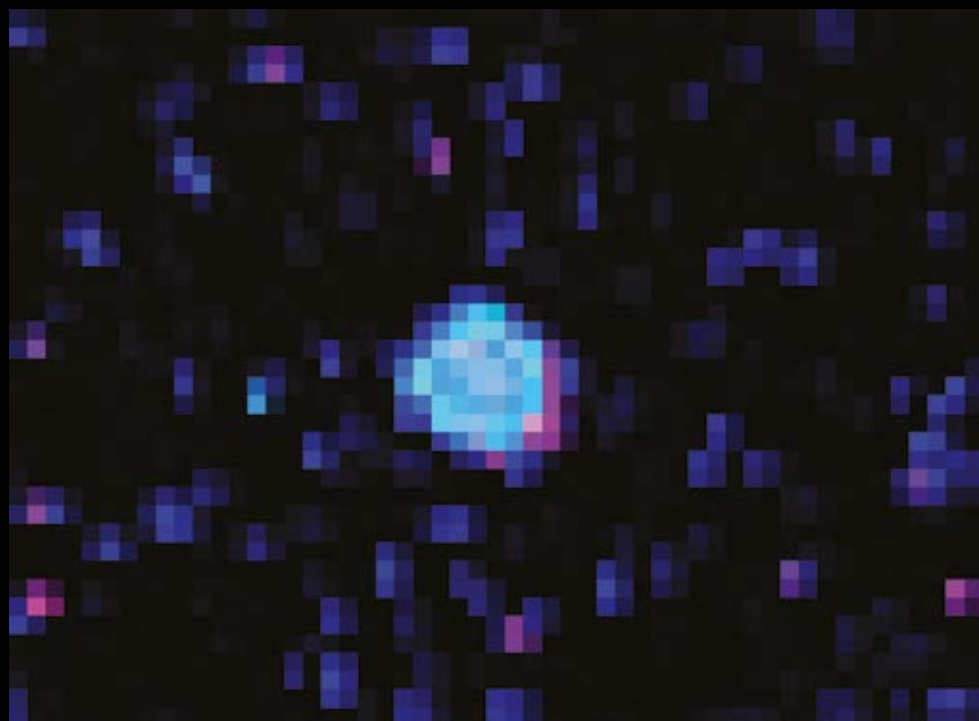
*Marcelo Savignano*

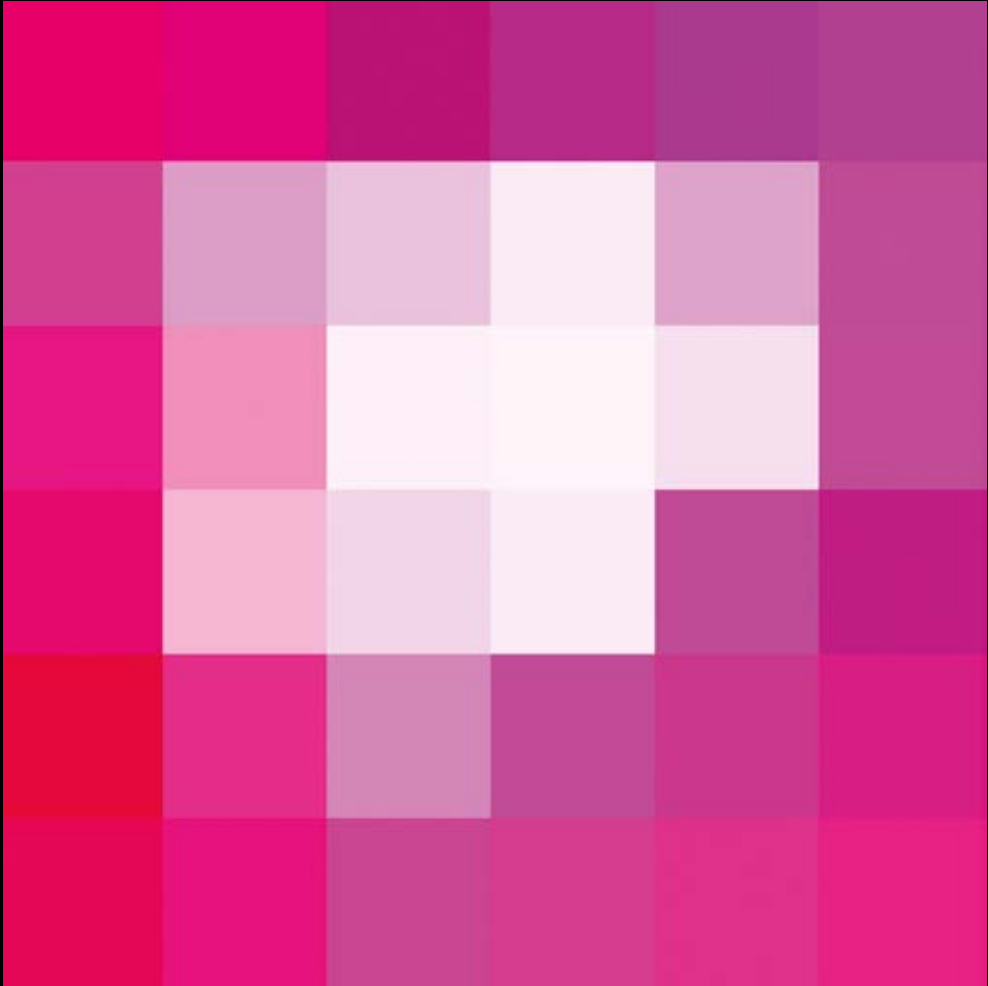
## INDEX OBRAS

pág. 13	<b>blow up I</b>
pág. 14	<b>blow up II</b>
pág. 15	<b>blow up III</b>
pág. 16	<b>blow up V</b>
pág. 17	<b>blow up VI</b>
pág. 18	<b>blow up VIII</b>
pág. 19	<b>blow up IX</b>
pág. 20	<b>solidão I</b>
pág. 21	<b>solidão III</b>
pág. 22	<b>solidão IV</b>
pág. 23	<b>solidão V</b>
pág. 24	<b>solidão VII</b>
pág. 25	<b>solidão VIII</b>
pág. 26	<b>solidão X</b>
pág. 27	<b>solidão XI</b>
pág. 28	<b>solidão XII</b>
pág. 29	<b>realidade I</b>
pág. 30	<b>realidade II</b>
pág. 31	<b>realidade III</b>
pág. 32	<b>lanelli I</b>

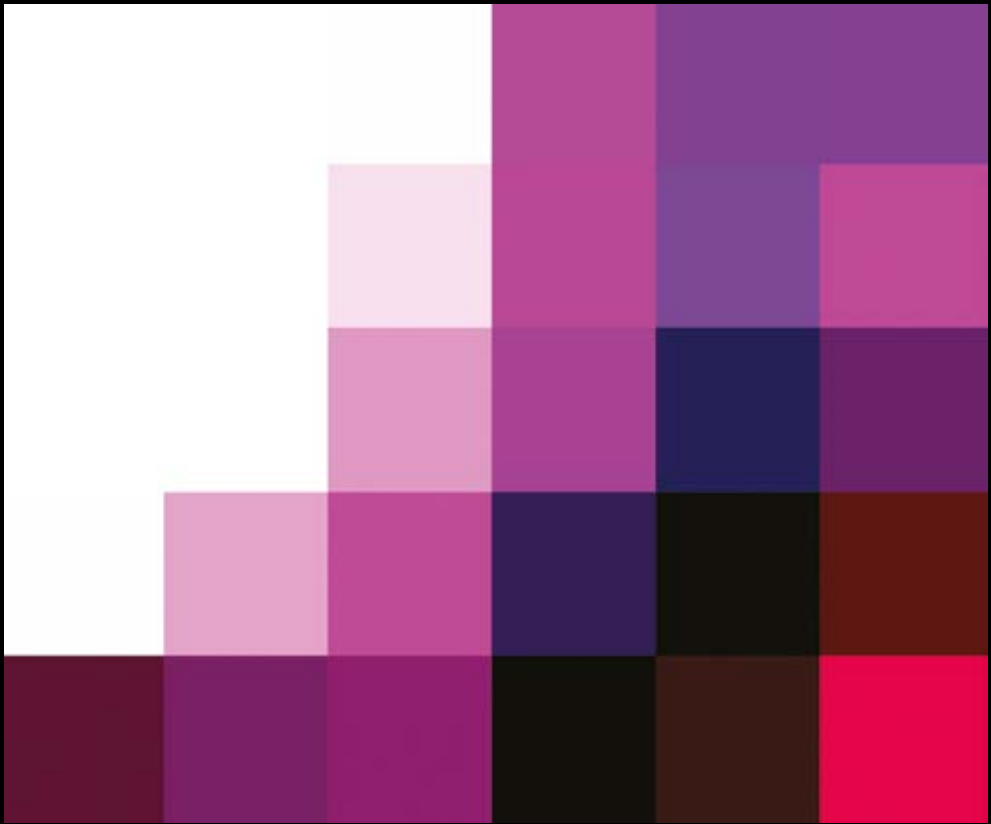


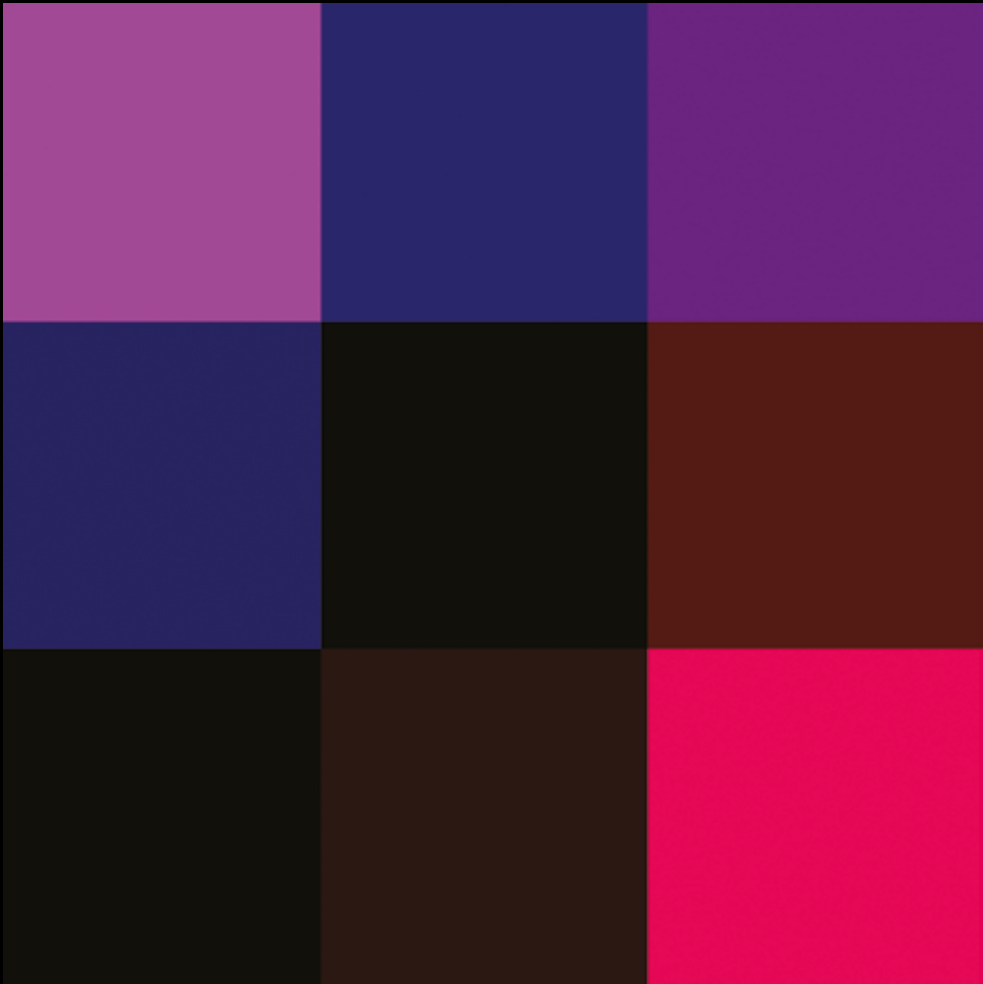






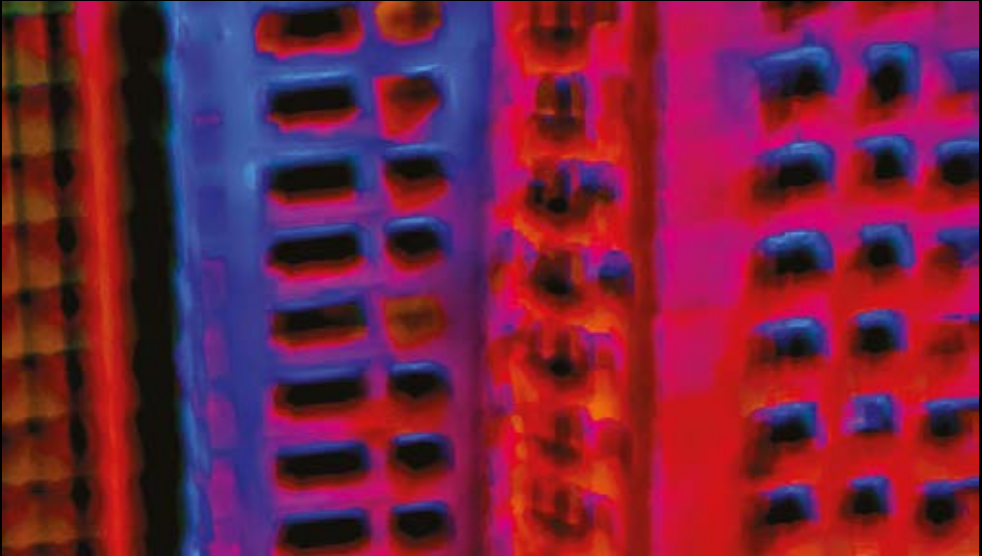






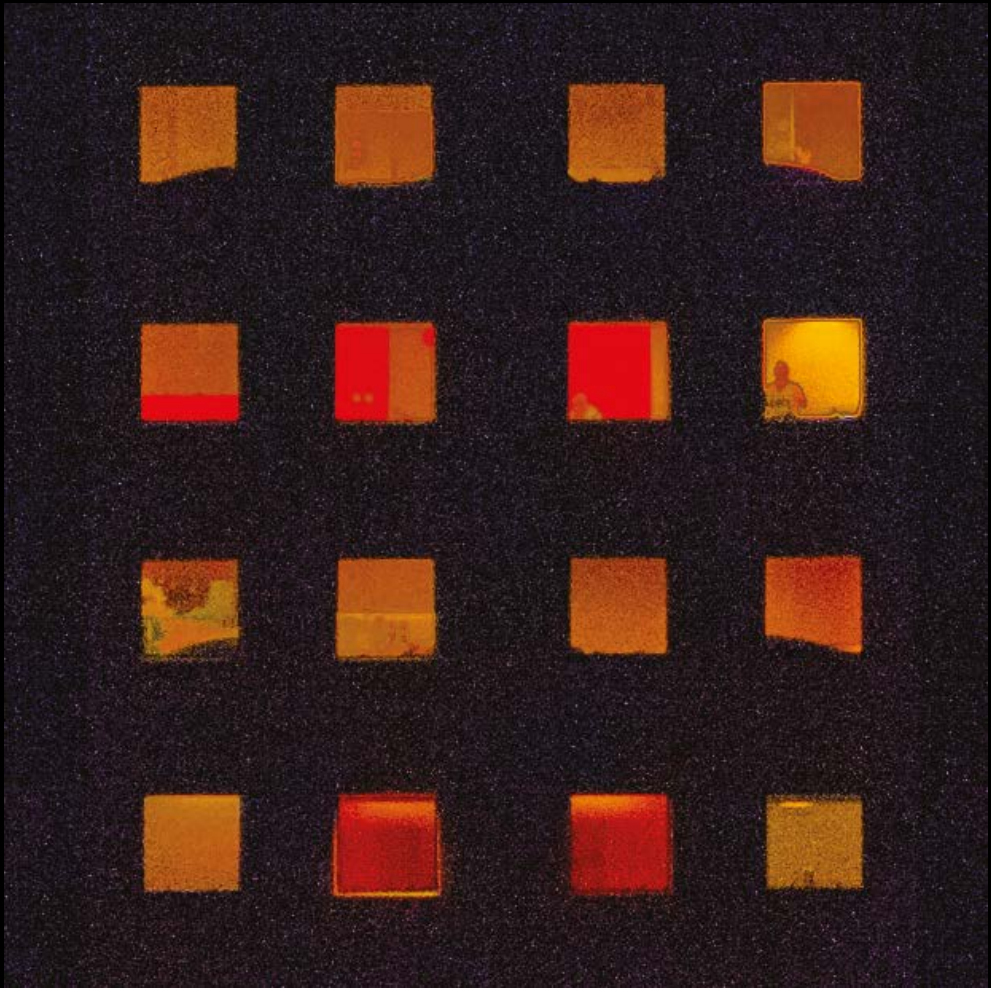
































## CENTRUM SETE SÓIS SETE LUAS

### Centro per le Arti del Mediterraneo e del mondo lusofono

#### I Centrum Sete Sóis Sete Luas:

- sono **porti di terra: spazi stabili senza frontiere**. Del porto hanno l'essere luoghi di passaggio, d'incontro e di dialogo interculturale in cui riecheggiano le onde delle culture mediterranee e del mondo lusofono. Del porto hanno l'essere aperti, senza frontiere. Ma sono di terra. Sono ancorati alle radici del territorio che li ha visti nascere e li ospita. Sono spazi di aggregazione, confronto e scoperta per la popolazione locale.
- sono **officine artistiche** in cui importanti personaggi del mondo mediterraneo e lusofono trovano ispirazione, sostano, creano, dialogano, condividono e ripartono.
- sono **luoghi di sinergia** tra arte, musica, turismo culturale e promozione del territorio.
- sono nati da progetti architettonici di recupero di edifici in disuso.

Produzioni, esposizioni e residenze artistiche, laboratori di creatività, incontri multiculturali, dibattiti, video-conferenze, presentazioni, concerti e aperitivi: queste sono le principali attività che animano le "case" del Festival Sete Sóis Sete Luas. L'ampia programmazione artistica, di responsabilità dell'associazione Sete Sóis Sete Luas, prevede *7-10 progetti di dimensione internazionale* annui in ogni Centrum SSSL, che vengono promossi in maniera coordinata nei porti internazionali SSSL (con la stessa immagine, lo stesso piano di comunicazione e lo stesso giorno d'inaugurazione) ed i cui protagonisti sono molteplici: i prestigiosi artisti, affermati e quotati nel proprio paese d'origine ma non ancora a livello internazionale; i giovani talenti; gli studenti che partecipano ai laboratori ed ai programmi di scambio tra le città delle Rete SSSL.

Annualmente 7.500 visitatori e più di 35 prestigiosi artisti del Mediterraneo passano per le case del Festival SSSL.

## **Elementi comuni sono:**

- il nome: **Centrum Sete Sóis Sete Luas;**
- l'immagine simbolo del Centrum SSSL: un'onda mosaico si snoda sinuosa sulla parete esterna con i nomi delle città che fanno parte della Rete dei Centrum SSSL;
- la possibilità di collegare in diretta, attraverso internet, i diversi Centrum SSSL nei vari paesi;
- uno spazio dedicato alla collezione permanente, depositario della memoria delle attività locali ed internazionali del Festival SSSL;
- una sala dedicata alle mostre temporanee;
- un laboratorio di creazione dove gli artisti potranno realizzare le loro opere durante le residenze;
- un art-library e un bookshop dove vengono presentate al pubblico tutte le produzioni culturali, artistiche, editoriali, gastronomiche del Festival Sete Sóis Sete Luas: cd's, dvd, libri, cataloghi e i prodotti enogastronomici e artigianali più rappresentativi dei Paesi della Rete SSSL;
- una sala conferenze per incontri, presentazioni, dibattiti, concerti, inaugurazioni...
- foresterie per i giovani stagisti della Rete SSSL e per gli artisti;
- un giardino mediterraneo e/o atlantico;

Sono al momento attivi i Centrum SSSL di Pontedera (Italia), Ponte de Sor (Portogallo) e Frontignan (Francia). Il progetto prevede la creazione di altrettanti Centri in Brasile (ad Aquiraz, nello stato del Ceará), a Capo Verde (a Ribeira Grande, nell'isola di Santo Antão), in Marocco (a Tangeri) e in Spagna (a Tavernes de la Valldigna).

**Marco Abbondanza**

*Direttore del Festival Sete Sóis Sete Luas*

Qui sono presentate quattro serie di fotografie in una traiettoria di lavoro non necessariamente lineare, ma che dialoga con se stessa nella costruzione dei suoi processi creativi sulle nuove scoperte e i nuovi piaceri estetici dell'artista, lungo un periodo di circa 8 anni, dal 2004 al 2012.

È curioso notare come quest'artista della vecchia guardia della fotografia, se così si può dire, benché il suo passaggio dal mondo analogico al mondo digitale non sia avvenuto con facilità ma con una marcata resistenza, transiti ora comodamente e con audacia attraverso gli strumenti della foto digitale, soprattutto per quanto riguarda il colore.

Le serie "Solidão", "Realidade Universo", "Homenagem a Ianelli" e "Blow Up" sembrano volersi dirigere in quanto fotografia verso uno sguardo dichiaratamente pittorico, seguendo rigorosamente la composizione ortogonale delle linee, ma soprattutto in un lavoro meticoloso dell'artista nell'uso di programmi digitali, che vanno a definire le sfumature della luminosità e altre particolarità dei campi di colore nelle foto create.

È evidente che la questione che perturbò tanti critici alla fine del secolo XIX e fino alla metà del XX secolo, che teoricamente la fotografia non era arte, è stata già da tempo superata. Ma un'altra questione, che frequentemente appare nell'arte contemporanea, è quella del controllo dell'artista della propria opera (in senso formale e concettuale), principalmente quando si tratta di fotografia, che sempre, in qualche modo, "sfugge" al controllo per essere un registro meccanico e non manuale. Nel suo lavoro, intanto, Marjorie Sonnenschein, sembra risolvere naturalmente questa questione quando propone colori e forme nuove, arduamente lavorate, del reale fotografato.

«Se cambio la tonalità del cielo alterando la temperatura, con gli strumenti che ho trovato, mescolo la temperatura in una maniera magica. E questo è tanto magico quanto mischiare i colori delle tinte su una tavolozza. Io mi sento come se stessi dipingendo: mischiando, mettendo un poco più di bianco, un poco più di nero, grigio meno denso o più accentuato. Un poco più di giallo. Ho scoperto che esiste

uno strumento che mi ubbidisce e che io chiamo “pennello digitale”», dice l’artista intervistata da Ricardo Perucchi.

Nella metà del 2007 fece un viaggio in Israele. Di ritorno per San Paulo, sull’aereo, l’artista s’imbatté in un reportage sulla vita e l’opera del pittore espressionista astratto Mark Rothko, che non conosceva fino a quel momento. Rimase con quel personaggio nella testa. Si identificò non solamente nella storia dei suoi antenati, con la storia di vita del russo giudeo che emigrò per gli Stati Uniti, ma anche con le opzioni estetiche tanto marcate nella sua pittura, principalmente i lavori dal 1949 in avanti, le famose pitture dei campi di colore.

A partire da lì, Marjorie, senza nessun timore, cominciò a direzionare con più enfasi il suo sguardo fotografico, insieme ai suoi “pennelli digitali”, verso soluzioni formali più astratte (nonostante lavori captando cose, o immagini, che esistono nel mondo reale), con definizioni geometriche più evidenti (quasi sempre rettangolari) e radicalizzando nell’uso dei colori, siano essi nel paesaggio o nel ritratto, così come fecero i modernisti rigettando parzialmente o totalmente il colore locale degli oggetti sulle loro tele.

In questo periodo, le serie “Realidade Universo” e “Solidão”(2004 / 2012) già esistevano e l’artista diede solo continuità alle idee, per quanto riguarda il trattamento formale del lavoro, che già prima di aver letto di Rothko ispirava la sua creazione.

In “Realidade Universo”, Marjorie ritaglia il paesaggio della finestra della sua cucina, che è un muro e un cielo. Dopo, compone e armonizza questi due elementi in differenti quadri, trattando il colore in toni bassi, illuminando come se volesse dipingere in gradazione e creando una relazione di tempo e movimento nell’immagine.

“Homenagem a lanelli” (2007 / 2008) ritrae i cieli di San Paulo a partire dalla vista della sala del suo appartamento, che è anche il suo studio, nel quartiere di Bella Vista, da dove si vedono le linee del picco di Jaraguá. Arcangelo lanelli è stato un artista brasiliano molto importante, che integrò il gruppo Guanabara negli anni ‘50, rappresentante della pittura paulista e che divenne un esponente dell’astrattismo formale in Brasile, sviluppando un linguaggio che si strutturava per linee che definiscono i campi di colore nella sua pittura.

“Lui captava i colori di uno spazio reale e li riproduceva sulle tele”, dice Marjorie, che in questa serie sembra voler distendere i suoi “pennelli”, creando cieli rossi, violacei e blu. Tracciando delle linee e definendo così anche i suoi campi di colore. Dagli stessi cieli di lanelli e dalla stessa vista della sua sala l’artista dialoga con la vicinanza interminabile di palazzi. Lo fa usando tutte le possibili luci di una giornata e di una San Paulo che non si spegne mai del tutto. E che sembra sempre stare sola. Nella serie “Solidão” i paesaggi si mescolano talvolta con le definizioni più credibili, che l’occhio è abituato a vedere, talvolta con gli schizzi architettonici bruscamente tagliati, vicini alla lente come se l’artista volesse così avvicinare il suo IO solitario dell’appartamento all’IO solitario di tutta la vista esterna che coglie dalla città vicina.

“Dalle linee che io vedo dalla mia finestra, siano esse del cielo, dei palazzi o del picco di Jaraguá, io invento un pretesto in più per disegnare con la fotografia. E da questa finestra non vedo nessuno. Vedo un mondo svuotato, chiuso in appartamenti. Sento sempre un grido lontano di un bambino. O un latrato.”

Nel trattamento delle sue fotografie, in un’approssimazione pertinente allo sguardo di un fotografo, sorgono i pixels. Un’investigazione delle cose di una potenza molto superiore rispetto a ciò che l’occhio umano riesce a vedere naturalmente. L’artista, così catturata dall’incanto delle forme e dai colori del lirismo astratto, che già s’insinuava o definitivamente appariva nelle immagini delle serie precedenti, decide di ingrandire i pixels e, improvvisamente, si vede catapultata nel mondo dell’astrazione geometrica con infinite possibilità di combinazione di colori, tagli e composizioni.

Nonostante ciò, quest’astrazione è il risultato di un lavoro digitale sulle immagini captate dal mondo reale. Si tratti della luna, o di un ritratto, una stella o una folla il giorno della partita nello stadio di Pacaembu.

A queste belle composizioni geometriche (quadrate), che ci rimandano tanto e immediatamente agli esperimenti e alle affermazioni dell’arte concreta brasiliana, e anche ai favolosi lavori della hard edge nordamericana, in una fase più avanzata dell’espressionismo astratto, a metà degli anni ‘50 (impossibile non citare Ellsworth Kelly e i suoi famosi ‘Spectrum colors arranged by chance’), Marjorie ha dedicato la serie di “Blow Up”.

Sentendosi come se stesse in un jeu (é così che le piace dire, in francese), la manipolazione nella temperatura dei colori e la combinazione di questi pixels potrebbe diventare il lavoro di una vita intera. "resto a immaginare quel gioco di un orologio che la gente smonta e monta infinitamente...", dice l'artista.

In questo modo "Blow Up" non sono semplici quadrati colorati e dati statici in uno spazio. Anzi, come in tutte le serie, lo spazio, le cose e la propria realtà sono meri dettagli. Quello che importa qui non è esattamente ciò che si vede, ma come si vede e ciò che si sente attraverso questa esperienza. Per questo, le opzioni sempre assertive dell'artista su dove situare le linee e i colori nello spazio del foglio.

Queste serie riunite in una piccola selezione di ventisei immagini rappresentano il lavoro contemporaneo dell'artista, nei diversi significati che la parola "contemporaneo" può assumere. più conosciuta come grande ritrattista, già da tempo Marjorie fremeva per mostrare questa gamma di foto che più si avvicinano alla pittura. Afferma: " sono 40 anni che vivo il mio processo creativo, cercando il mio fuoco".

Per lei, non solamente in queste serie, ma in tutta la sua opera, l'equilibrio della spazialità attraverso la linea e il colore (nella fotografia in b&n, con i toni di grigio) è sempre stato parte essenziale della sua fotografia per creare un'atmosfera simbolica e non solamente documentaria di ciò che vede realmente. Come se indirizzando lo sguardo dal reale verso un mondo virtuale presumibilmente più bello e pertanto, perché no, più reale.

*Marcelo Savignano*



**CATÁLOGO N. 52**

**Festival Sete Sóis Sete Luas**

